

TRIPLEX FUNICULUS DIFFICILE RUMPITUR



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 180 OUTUBRO A DEZEMBRO 2015

Redação e Correspondência:

UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA
Tel.: 253 951 257

Diretor:

Alberto Melo
Chefe de Redação:
Francisco Pinto
E-mail:
ases@portugalmail.pt

Propriedade:

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo
Distribuição:
ASES
Periodicidade:
Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

Tiragem:

1650 Exemplares
Assinatura Anual: 5,00 €
Composição e Impressão:
Tadinense - artes gráficas
www.tiptadinense.pt

EDITORIAL

MISERICORDIES SICUT PATER

“Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese.

Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação.

Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade.

Misericórdia: é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro.

Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida.

Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado...

Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai.

Foi por isso que proclamei, com início no dia 8 de Dezembro, um Jubileu Extraordinário da Misericórdia como tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes.”

(Papa Francisco)

A todos os ASES e seus familiares desejamos um FELIZ ANO NOVO cheio de SAÚDE, ESPERANÇA, UNIÃO, ALEGRIA, AMOR e SANTA MISERICÓRDIA.

A Direção



ENCONTRO DO MINHO

SÁBADO - 13 DE FEVEREIRO 2016

SEMINÁRIO DA SILVA

Inscrições:

Isidro Linhares

T. 969 946 711

Costa Pereira

T. 253 839 500

José Manuel

T. 253 882 236 / 963 741 196

ases@portugalmail.pt

LAMPREIADAS

O INDISPENSÁVEL E SEMPRE DESEJADO
ENCONTRO GASTRONÓMICO

NORTE: MELRES - GONDOMAR “LUCIANO”

SÁBADO - 5 DE MARÇO 2016

Organização:

Manuel Santos Lopes

T. 224 760 565 / 965 039 366

manuelsantoslopes@gmail.com

SUL: LEZIRÃO/AZAMBUJA

SÁBADO - 12 DE MARÇO 2016

*Estão abertas as inscrições (ASES do Sul)
para preenchimento do autocarro a contratar*

Organização:

Alberto Melo

T. 214 445 827 / 969 690 551

alberto.r.melo@netcabo.pt

ENCONTRO DA TORRE D'AGUILHA

LISBOA - 2 E 3 DE ABRIL 2016

Inscrições para os do NORTE:

Américo Ferreira
T. 227 311 025
96 566 99 58

Serafim Oliveira
T. 256 312 127
96 560 92 33

Francisco Pinto
T. 253 951 257
91 944 19 70

ases@portugalmail.pt

ASES do SUL

Alberto Melo
T. 214 445 827 / 96 969 05 51
alberto.r.melo@netcabo.pt

*(aguardar p.f. a oportuna e
habitual convocatória)*

Nota:

Para garantia do autocarro e organização do programa necessitamos que as inscrições se façam até ao dia 10 de Março, sem falta.

GODIM - JÁ PASSARAM 25 ANOS

José Martins



Fiquei boquiaberto quando li no Unia-ses que iria celebrar as bodas de prata de entrada no Seminário. É verdade!... 25 anos. Como passa o tempo... Desde logo, com convicção, pensei que não iria faltar a esse encontro. Foram feitas amizades, que entre entradas e saídas se perderam. Faltava saber se haveria no grupo quem partilhasse do mesmo sentimento. A comissão organizadora pôs-se em campo. Para surpresa, parece que “apenas por via electrónica” se consegue entrar em contacto. Das cartas enviadas com a convocatória para a “selecção” apenas se obteve uma resposta. “Recordar é viver”...

No primeiro chamamento, no ano da graça de 1990, entrámos em Godim, 27. Recordo bem esse dia... Cheguei de comboio à estação da Régua como os meus pais e fomos a pé até ao Seminário. Como custou carregar as malas. Aquela subida antes da Igreja de Godim parecia interminável.

Foi aqui que começou a caminhada, vivida a seu jeito por cada um, mas marcada pelo mesmo Espírito. Lembrar também quem connosco começou a percorrer o caminho, como equipa formadora, o Padre Tarcísio e o Irmão António, com o apoio de toda a comunidade. Foi aqui o primeiro lar desta nova família.

No dia 3 de Outubro, ao descer a A24, sentia já o coração a acelerar, e maior foi o contentamento ao ver ao longe a Igreja e o Seminário. Estava a começar bem este dia de regresso às origens, até o sol estava disposto a brilhar. Quando cheguei, já o Filipe Cruz se recompunha da longa viagem que fez. Deu logo para começar a meter a conversa em dia e a puxar pelas recordações daqueles tempos de meninice.

Aos poucos nos fomos juntando. Já se sabia que não seríamos muitos. A conta ficou-se por seis: Filipe Costa, Filipe Cruz, Filipe Rocha, Filipe Soares, José Martins e Nelson Loução. Por motivos

personais não puderam vir o Anselmo, o Pedro Branco e o Sérgio. Foi muito bom, o reencontro. Foi quase o reviver do que passámos juntos. Agradecimento ao Filipe Soares pelas recordações, que nem os próprios “actores” delas se recordavam... que memória!

O Seminário parecia quase igual. Com surpresa, pudemos ainda ver, pendurados nas paredes, os trabalhos que realizámos nas aulas de trabalhos oficinas e que têm resistido ao tempo. De diferente, o anexo (casa paroquial e adega) que ardeu em 1991 (ainda na lembrança de todos nós). O campo de futebol, palco de tantas histórias, já não se reconhece. Serve agora de jardim com vasto arvoredado.

No final da manhã, fomos convocados para o momento da união, (dos 25 e 50 anos) à volta da Mesa que está sempre posta para todos, na Igreja de Godim. Ouvimos com muita atenção a “história” de uma vida sacerdotal ao serviço das missões. Eram estes momentos, estas partilhas que nos davam alento para olhar em frente, que nos faziam sonhar com o futuro, com o campo de missão. Continuou-se depois com o convívio, a partilha... tempo de aprofundar melhor o que tem sido a vida de cada um, depois da separação e também perceber o que é feito dos ausentes. Ficou a ideia de se querer juntar os que faltaram para que se reatem as amizades. O tempo o dirá... Fui um dia pequeno para tudo o que havia para dizer. Obrigado pela partilha, pelo convívio e pela amizade.

GODIM – 1965 -2015



A comemoração dos 50 anos de entrada em Godim teve afluência notável, tanto do pessoal de 1965 como de outros

anos, no seguimento de uma convocatória (intimidatória, disseram alguns!...) do Pereira Gameiro. Ambiente festivo. Nível elevado das intervenções: toda a prosa foi esgotada no dia 3 de Outubro e não houve ninguém a testemunhar aquelas sentidas vivências. Fica aqui o nome dos presentes e a fotografia para memória futura: *Amadeu Augusto Alves, António Silva Tão, António Martins Carneiro, Reboredo Chaves, Carreirinha Ramos, Poças Dias, Cândido Santos Ferreira, Garcia Balsa, Fernando Cordeiro, Barreto Pinto Francisco, Martins Vilela, Pereira Tuna, Joaquim Gameiro, Jorge Figueira, Ribeiro Marinho, Teixeira Rocha, Reis Felício, Sousa Vieira, Cepeda Moreno, Manuel Sarmiento, Ferreira Barbosa, Ribeiro Soares, Marcelino Estevinho, Conceição Pinheiro, Olindo Geraldês, Conceição Gomes e Rui Vilela.*

Deram a alegria da sua presença: *Casimiro Sobral, Cesário Mesquita Ferreira, Cunha Ribeiro, Maia Neto, Nunes Cardoso, Fonseca Carvalho, Manuel Santos Ferreira, Vítor Silva Santos.*

VIANA 1965 - AS NOSSAS VIDAS AO AMANHECER

Faria Souto



No primeiro dia do mês de Outubro de 1965, uma sexta-feira, dia de Santa Teresinha do Menino Jesus, da parte da tarde, dei entrada no Seminário... e quase me sinto embalado neste redigir de acta, depois de tantos dias a hesitar o modo de principiar a crónica do encontro de 17 de outubro de 2015, no Seminário do Espírito Santo, de Viana do Castelo. Encontro de comemoração dos 50 anos de entrada nesse seminário.

Desde finais de Agosto, desse ano de 1965, após exames de admissão no Fraião, que eu e o meu conterrâneo Albino Ribeiro esperávamos, ansiosos, o dia de apresentação no Seminário. Entretanto, já o pormenorizado enxoval estava completo, as minhas peças de roupa marcadas com o número 664, as recomendações do pároco assimiladas, os conselhos dos pais interiorizados e naturalmente asseguradas as promessas do nosso bom comportamento.

Não sei se houve tempo para as despedidas, pouco importava, e de carro de praça da Póvoa de Varzim, na companhia do pároco e dos nossos pais fizemos o itinerário, que em parte, me fez reviver o das romarias da minha infância a S. Bartolomeu do Mar, pois dali se retomava a viagem até ao alto do Monte de Santa Luzia.

Atravessada a singular ponte de Viana do Castelo, eis que surge o Seminário... das Ursulinas! Fomos recebidos pelo director, padre Pinheiro, e pelo então jovem escolástico Castro de Oliveira. Após as apresentações e formalidades da praxe visitámos as diversas dependências da casa e terminámos na área do dormitório, onde colocámos as malas. Fui informado que iria ser tratado por Manuel Faria e senti como que o assalto de um

heterónimo ao familiar ortónimo Fernando. Foi uma mudança de tratamento que não me agradou. Aprendi, mais tarde, que há uma simbologia na mudança do nome quando se professa na vida religiosa. Ao nome acrescentou-se o número 52, do 1º ano, num total de 56 alunos.

E foi o 1º dia...e era tudo muito estranho. No dia seguinte, sábado, subimos ao templo de Santa Luzia, e na invocação do Espírito Santo pedimos a inteligência para compreender, a memória para reter, a facilidade para aprender, a subtilidade para interpretar e a graça abundante para falar. Não foi pródiga esta graça, incompreensivelmente, os colóquios no refeitório eram mais a excepção do que a regra. A merenda foi distribuída junto ao depósito da água de Viana, e consistiu uns quartos de pão de sêmea com marmelada e alguns pacotinhos de queijo. Regressados ao seminário, mais algumas orações em comunidade, o jantar e descansar num imenso dormitório.

E foi o 2º dia... e era tudo muito bom.

Seguiu-se o domingo e a aprendizagem de que uma instituição se define pela organização do tempo e das tarefas específicas, seguindo um ritmo pautado pelo designado regulamento ordinário. E como esse regulamento se afastava daquela maravilhosa semana dos exames de admissão, no Fraião! Fiquei desapontado com esta radical alteração, eu que, ingenuamente, tinha descrito aos meus amigos, esse "modus vivendi". E muito menos imaginava que aquela espécie de fogo de conselho, ao cair da noite, onde o Vieira imitava o cantar de galo, nunca mais tivesse lugar.

Correspondendo à natural curiosidade, logo decoramos os nomes e as proveniências geográficas dos colegas, a

maioria das proximidades de Viana e outros mais afastados como o Gomes Teixeira de Lisboa, o Mata e o Manuel Ribeiro de Proença a Nova. Afastamento que se encurtava, quando comparado com o caso dos açorianos, Gaudêncio e Tavares, matriculados no 2º ano.

Uma das razões para me candidatar ao seminário também foi a de continuar a estudar, para lá do ensino primário. E assim se deu início ao ano lectivo nesta primeira semana do mês de outubro, intervalando horas de estudo, aulas e recreios. Eis os nomes dos professores e das disciplinas: Português - padre Guedes; Francês e Desenho - Castro Oliveira; Matemática - padre Moreira Dias; Ciências - padre Augusto Ferreira; Latim - padre Pinto; Música - Castro Oliveira; Religião - padre Pinheiro. A Ginástica era ministrada pelo sargento Amorim, aos domingos de manhã.

No seminário residiam outros padres e irmãos auxiliares para os trabalhos da cozinha, rouparia, alfaiataria e horta. Entre esses padres, destacava-se o padre Jerónimo, um velho missionário de barbas brancas e compridas, qual G. Mendel nas experiências com as suas dalias do jardim e o confessor a quem quase todos se confessavam. Outro, o padre Alfredo Osório, angolano, batina diferente por não pertencer à Congregação, um exilado político, à luz dos códigos democráticos. Aproveitava os nossos recreios para distribuir caramelos, rebuçados dr. Bayard e no nosso 2ºano, levou-nos em visita de estudo à fábrica de chocolates Avianense.

E assim se iniciaram e vão sucedendo os estudos, os trabalhos, os jogos, os passeios, enfim, os dias e as noites. Estranha-se tudo ou quase tudo, mas importava acelerar o processo de adaptação. E não foi fácil, as saudades das famílias só atenuadas pelas visitas no primeiro domingo de cada mês, pelas cartas recebidas e entregues já abertas, pelo director. Diferentes as disciplina, diferentes os professores diferentes os métodos pedagógicos. A bondade do padre Pinto a perdoar as falhas das declinações ou as trocas de acusativo por ablativo quando ilustrava com "vou para a Areosa" ou "estou na Areosa" e condescendia: "Rari nantes in gurgite vasto". E em sentido oposto, a dureza e insensibilidade do padre Augusto, no ensino das Ciências

e nas chamadas orais. Quem o reencontrou depois, como o Neto de Miranda, em novas funções no Hospital de Viana, teve a oportunidade de ver um padre amigo, solidário e compreensivo com doentes.

A par do estudo tínhamos a distribuição das tarefas inerentes à vida em comunidade: os cargos. O meu primeiro cargo foi descascar batatas, em grupo, e vigiados pelo irmão Bonifácio. Uma figura singular, cuja imagem que dele retenho, me acompanhou na leitura de “O Nome da Rosa” de Umberto Eco. Havia rotatividade mensal de cargos. Ocupei, de seguida, o cargo de engraxador dos sapatos dos senhores padres. Exerci esse alto cargo com o Víctor, de Barcelos, para quem, devíamos treinar primeiro, no nosso próprio calçado. E assim procedemos.

Já não convém desenvolver mais, mas fica o sumário: as leituras no refeitório como “As aventuras do Pinóquio” de Carlo Collodi, “A Imitação de Cristo”, as vidas de Santos, a peregrinação da cidade e concelho a Santa Luzia, os passeios e jogos no monte do mesmo nome, a obrigatoriedade e para mim aterrorizadora passagem pelos aquedutos do Fincão, a travessia de barco para o Cabedelo, os jogos de futebol com os carmelitas, os banhos de mar, junto às ruínas forte da Praia Norte, o surto de papeira, os passeios anuais de camioneta à Penha e Alto Minho, os exames do 2º ano, no Liceu Nacional de Viana, etc.

Já vai longa esta associação livre de ideias e podia continuar, independentemente das interpretações que cada um possa dar, porque o tempo, esse grande escultor, moldou sereno e conformado o meu relato destas vidas ao amanhecer.

Para não parecer que falando do passado, quero evitar relatar o nosso encontro de 17 de Outubro de 2015, lembro que na relação de cargos já referida, não constava o cargo de organizador do futuro encontro comemorativo dos 50 anos da

entrada no seminário, nem do cronista do mesmo. Ficando o cargo em aberto, foram vários os candidatos, como será fácil de adivinhar... mas tocou a mim, e acabei por aceitar, como meu dever.

Tinha conhecimento do sucesso, em número de presenças, do ano anterior e tentei a tempo e fora de tempo que essa meta também fosse alcançada. Em articulação com a eficiente direcção dos Ases mandei convites a todos os elementos constantes da lista do ano de 1965. Lembrei mesmo, o verso cantado por Amália “ Havemos de ir a Viana “ para dar força aos que hesitavam pôr-se a caminho. Mas não resultou.

Na manhã do dia 17 de outubro de 2015 encontraram-se à porta da Igreja do Seminário, donde partíamos para os nossos passeios, e sob o olhar contemplativos dos Santos Mártires de Viana, Teófilo, Saturnino e Revocata, os colegas: Castro, Cândido Macedo, Alcino, Neto de Miranda, Barroso, Avelino e eu próprio. No total: sete, o número perfeito e sagrado. À simbologia vamos buscar o necessário consolo. Estiveram também as esposas do Castro e do Avelino.

Recebi justificações das ausências do Mata, a residir em Lisboa, do Andrade em Lagos, do Albino Ribeiro em Macau e do Sottomayor, em Alvarães.

Nestes encontros o primeiro objectivo é reconhecermo-nos e poder chamar pelos nomes correctos, sem sombra de erro. As fotos que trazemos para auxiliar a memória são de há 50 anos, por isso, pouco adiantam. E apontando para as fotos repetem-se as perguntas: Tu és este aqui? Como é que se chamava aquele ali? Que é feito daquele? Onde moras, agora?...

Feitas as apresentações foi celebrada a eucaristia, num local diferente da capela e presidida pelo jovem padre Tiago Barbosa. Lembrámos professores e colegas falecidos: Corgo, Manuel Ribeiro, Duarte, Cardoso Araújo, Vilaça, António

M. Silva, Gonçalves Vitorino e João Baptista Faria.

De seguida passámos ao refeitório, onde na companhia dos padres residentes no Seminário, nos foi servido um almoço que a todos agradou pela quantidade e sobretudo pela qualidade da ementa. Importa aqui destacar e agradecer o empenho do Padre Domingos Neiva para que nada faltasse. E nada faltou... nem o vinho fino de Godim. Por isso esta refeição agradou enquanto se saboreou e também sempre que se pensar nela. E porque houve colóquio, também houve tempo para todos exercitarem os seus dotes oratórios. Não podemos esquecer que foi Viana o início da nossa preparação, para ler e falar em público.

À mesma mesa sentou-se o padre Castro Oliveira, capelão do Hospital de Viana do Castelo. Uma palavra de imensa gratidão pelo seu trabalho no nosso primeiro ano. Até custa acreditar que tinha 21 anos, dado o saber e maturidade para enfrentar as situações, então vividas, bem como a capacidade de compreender os nossos comportamentos, melhor dizendo, as nossas brincadeiras.

O mesmo aceno de simpatia e gratidão para o António Luís, que o substituiu, no nosso 2º ano, porque também, a seu modo, nos acompanhou e orientou para o gosto pela música, pelo teatro, pela aventura.

Esteve connosco neste dia o Castilho, aluno do 2º ano, meu primeiro chefe de mesa, disciplinado e disciplinador, já então um árbitro em potência, que os jogos de futebol no Fraião tornaram “profissional” e único. Agradecemos a sua presença amiga, bem como a dos imprescindíveis e incansáveis elementos da direcção dos ASES, Cunha Pinto e Rodrigues Ferreira.

Daqui a 2 anos comemora-se os 50 anos da entrada no seminário do Fraião. Seremos então 70x7? Havemos de ir ao Fraião. Por que não?

MAGUSTO NA COVA DA BEIRA – FUNDÃO

José M. R. Cobrado – G54

Por sugestão da Direcção dos ASES, os Pes da Congregação do Espírito Santo que integram a Comunidade do Fundão, José Martins Salgueiro e Francisco Fernandes Correia, procuraram contactar cerca de 50 antigos alunos residentes atualmente nos distritos da Guarda e Castelo Branco para um magusto na sua própria casa, no dia 7 de novembro,

sábado. Por email, chegou um interessantíssimo horário, calendarizando os momentos principais desta reunião: 14h30 – início do convívio, cumprimentos de boas-vindas; 15h00 – reunião no salão, momento de oração, apresentação e partilha de vida, eleição de uma direcção para esta área, próximas iniciativas; 16h00 – magusto, em que haveria

castanhas, água-pé e caldo verde (tudo gratuito!); o fim do convívio seria quando cada um achasse que estava na hora de regressar a sua casa.

E o magusto realizou-se, de facto. A fotografia que acompanha esta pequena resenha permite reconhecer 5 figurantes (que não 5 figurões!), que corresponderam à chamada: José Cobrado e esposa

(Castelo Branco), José Bonifácio e esposa (Guarda); e Carlos Almeida (Sabugal). A área geográfica estava, portanto, representada. Cumpru-se a “agenda” com a cordialidade, a tolerância e a simplicidade que sempre caracterizaram o “espírito” espiritano (aceite-se a redundância). Desfiaram-se em revista tempos do passado da congregação: os nossos professores e muito do que ficou marcado nas nossas memórias, tão perspicazes e críticas nos momentos da já longínqua adolescência. Rimo-nos de cenas hilariantes com professores e companheiros que conhecemos em comum e cujas atitudes só agora interpretamos na sua real dimensão. Enfim, lembrámo-nos de companheiros e professores que já não estão connosco e cuja memória nos dói a valer no mais fundo de nós mesmos. Ficámos de “contagiar” mais alguns dos companheiros desta região para que no próximo magusto sejamos pelo menos uma dezena. Isso seria já muito bom e valeria a pena porque nenhum ser humano sobrevive isolado, esquecendo ou renegando o seu passado. Reconheçamos também que todo o homem necessita do apoio e da solidariedade do seu semelhante para melhor poder ultrapassar os obstáculos que lhe põe permanentemente o seu dia-a-dia. As palavras da máxima que encima o nosso Boletim UNIASES: *“Triplex funiculus difficile rumpitur”* traduzem eloquentemente o que é uma união de esforços e qual o seu efeito no sentido de alguém poder singrar com segurança e eficácia na vida.

Estes nossos encontros pouco significarão se não estiverem imbuídos deste espírito de fraternidade, de partilha, de solidariedade e de tolerância entre todos nós, valores estes que estiveram presentes (reconheçamo-lo honestamente) ao longo

dos anos da nossa formação académica e espiritual, passados entre as paredes das diversas casas da Congregação dos Pes do Espírito Santo. E, hoje, julgo ser nosso dever orgulhar-nos de tudo isto. Ao participarmos nestes raros encontros de confraternização, mostramos estar muito gratos a quem, naquela altura, fez por nós o melhor que soube e pôde. Um magusto é uma bela ocasião para isso. Que venha e que viva o próximo magusto de 2016, no Fundão!



MAGUSTO EM TERRAS DE STA. MARIA DA FEIRA

José Ferraz - G54



A tradição cumpriu-se mais uma vez. O Núcleo de Santa Maria da Feira organizou o seu Magusto, em S. Paio de Oleiros, na casa do Ás Seixas. Há já vários anos que ficou acordado que o Magusto teria lugar no sábado seguinte ao Dia de S. Martinho, que, neste ano de 2015, calhou no dia 14 de novembro. Cerca de uma vintena de pessoas, entre Ases, familiares e amigos, compareceram à chamada. Podiam ser mais, pois havia espaço e comida para isso, mas apareceram os que puderam e quiseram. A Direção dos ASES fez-se representar pelo Francisco Pinto (Te-

soureiro) e pelo Rodrigues Ferreira (Vogal), acompanhados pelo José Ferraz (ex-membro da Direcção). A Mesa da Assembleia-Geral também esteve representada pelo seu Secretário, o Manuel Lopes. A maior parte eram caras conhecidas e habituais, mas também houve um ÁS (Justino Santos Pinto - V59) que apareceu pela primeira vez e parece que ficou a gostar.

Por volta das 16 horas, as castanhas, assadas no forno de uma padaria local, começaram a chegar, quentes e boas. Não faltou o vinho tinto e branco, na modalidade de maduro e verde, para as ajudar a empurrar até ao descanso temporário no estômago. Para os abstémios, havia outras bebidas sem álcool, como sumos, coca-cola e água. Ainda as castanhas não tinham sido todas saboreadas, eis que surgem os rojões de porco, bem tostadinhos e apetitosos, acompanhados do já famoso arroz com hortaliça. E para aquecer, se é que não estávamos já bem quentes, foi servido o saboroso caldo verde.

Magusto é festa, por isso, não podia faltar o bolo para a abrilhantar. E desta vez foram dois: o dos ASES e o do aniversariante, Rodrigues Ferreira, que, depois dos parabéns cantados, foram partidos e distribuídos por todos os presentes, acompanhados pelo champanhe que o aniversariante tinha levado.

Por volta das 18 horas chegou o Anthero Monteiro, que trouxe um cunho cultural ao Magusto com a declamação de vários poemas seus e de outros poetas.

Como a noite se aproximava e a distância de volta, para alguns, ainda era longa, por volta das 19 horas começaram as despedidas para o regresso a casa, com a promessa de para o ano lá voltar. Como não podia deixar de ser, e como já o fizemos pessoalmente, deixamos aqui um agradecimento muito sincero ao amigo Seixas pelo carinho e amabilidade com que nos recebeu e pela qualidade e abundância de comida que nos apresentou. À cozinheira e restantes colaboradores o nosso muito obrigado pelo serviço com que nos mimosaram. Até ao ano, se Deus quiser.

NOTÍCIAS BREVES

CRÓNICAS COM MISSÃO 2

No passado dia 16 de outubro de 2015, a UNIASES fez-se representar pelo abnegado AS Manuel Lopes, do Núcleo de Gondomar, no lançamento do livro “Crónicas com Missão2” da autoria do P. Tony Neves, apadrinhado por Dom António Francisco, Bispo do Porto, que assim relatou o acontecimento:

«Com o salão paroquial da Igreja de Jancido - terra natal do Pe. Tony - completamente cheio, D. António elogiou o autor do livro por mais um testemunho vivo de missão e pelo percurso missionário realizado em várias paragens do globo. O Pe. Tony Neves realçou a vontade de tornar público o trabalho dos consagrados à missão, porque esse é o caminho certo para cumprir a vontade de Deus e ajudar os que querem conhecer esse caminho.

No final houve um porto de honra, onde os presentes puderam estar mais próximos do homenageado e enaltecerem mais um trabalho em prol do próximo».

Ao Prof. Manuel Lopes, os nossos agradecimentos pela missão cumprida.

BODAS DE OURO – 50 ANOS

Vários Cursos celebraram no presente ano de 2015 a efeméride da sua primeira matrícula ocorrida há 50 anos quer em Viana quer em Godim, aqui também se festejaram os 25 anos de entrada.

Festas emotivas e sempre desejadas pelo reencontro proporcionado. Em Godim a festa foi enorme, contagiante o convívio, estimulante a alegria transmitida, a espaços mordida pelo bichinho do saudosismo.

Bastava dizer que o azafamado tesoureiro não teve um lapso de tempo para proceder a ‘cobranças’ de quotas para se aquilatar da tremenda festa que constituiu este evento.

Pena foi que não houvesse sido nomeado um cronista para dar conta dos acontecimentos. O mesmo não sucedeu com os 50 anos de Viana e o mesmo seria nos 50 do Fraião que mesmo sem ter sido concretizado o encontro, uma crónica sonhada surgiu da mente do Américo Cita no estilo a que já nos habituou.

UASP – UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE ANTIGOS ALUNOS DOS SEMINÁRIOS PORTUGUESES

Em parceria com a ASSASB (Associação dos Antigos Alunos dos Seminários

de Braga) a UASP levou a efeito a realização do seu III FORUM sob o tema “Artes Plásticas ao Serviço da Nova Evangelização”, por sua vez, integrado nas comemorações do 90º aniversário do Seminário Menor de Braga.

O Presidente da Mesa da Assembleia-geral da UASP, Dr. Manuel Domingos Silva, abriu o Fórum com palavras de boas-vindas aos presentes. Saliente-se a presença do Arcebispo Primaz de Braga, D. Jorge Ortiga, que na sua intervenção referiu que muito se pede a quem muito recebeu, é importante dar na medida do que foi recebido e assim contribuir para e na construção de um novo estilo de vida visando um novo humanismo.

Merecem particular realce sobre o tema abordado o painel sobre “A música como elemento congregador da Comunidade dos crentes” sob a condução do maestro Costa Gomes. De salientar, ainda, a palestra do Dr. Salgado Almeida sobre “A pintura ao serviço da liturgia” através dos tempos, bem como a intervenção do Cônego Joaquim Félix, da equipa técnica da arte e cultura da diocese de Braga, sobre A arquitetura, elemento fundamental para o acolhimento e construção duma comunidade interativa dos crentes e sinal de esperança para todos e partilha da Palavra”.

Após o almoço foi inaugurada uma mostra sobre o tema orientador e que serviu de base a este Fórum, que esteve patente ao público até finais de Dezembro com obras inéditas de antigos alunos dos seminários.

O encontro terminaria com a realização da Assembleia-geral da UASP onde se versou o projeto “Por mares dantes navegados” que em princípios do próximo

ano rumará à Guiné-Bissau, com visitas às dioceses de Bissau e Bafatá.

ALMOÇOS NA REGIÃO DE LISBOA

Depois de prolongado interregno foram reatados os almoços mensais que costumam reunir para cima de uma vintena de ASES e alguns familiares.

Com efeito, o jogo começaria a ser reatado em meados de Novembro, tendo por palco de jogo a Messe da antiga Cooperativa Militar, à rua de S. José, em Lisboa. Saltaram-se os muros e para comemorar o Natal optou-se por um almoço de leitão, em Negrais. Como é (foi) difícil chegar a um consenso total (dia... restaurante... ementa). Após perscrutação individual, a sorte (ou pouca sorte (?)) recaiu sobre o dia 12 e no Solar dos Leitões. Nem na ementa houve pleno consenso: para uns muito boa e melhor que experiências de aventuras em anos anteriores, para outros, mais apreciadores (peritos em gastronomia porcina) parece termos sido conduzidos ao equívoco. Animado esteve o banquete, rematado com bolo-rei e do fino de Godim... Chamo para aqui as palavras de um poeta que resumiu assim o encontro/convívio/festim: a lembrança de como foi bom estarmos juntos.

Nota da Redação: O nosso Presidente Alberto Melo foi hospitalizado em 15 de Dezembro e submetido a uma cirurgia de colocação de 2 bypass. Os nossos votos de franca recuperação com um coração a trabalhar ao ritmo dos ASES...



CARTA

Armando Ferreira

Caros (ex)condiscípulos,

Retomo por esta via um assunto que lancei por ocasião da publicação do livro *PENSAR* do Pe. José Maria de Sousa.

Trata-se de viabilizarmos a edição de obras relativas à nossa vivência comum da experiência (educacional, formativa...) nos seminários e colégios do Espírito Santo.

Não se trata de resto de uma originalidade, pois os trabalhos do António Luís ("Levados por um Sonho", "Em Busca do Tempo Vivido"...), entre outros, por iniciativas diversas, vão dando resposta a este desiderato.

A ideia é de consolidarmos a viabilização dessas publicações através de um instrumento concreto, planificado, operacionalizado e sustentado.

Em reunião com o Rev. Pe. Provincial, Tony Neves, e com o Pe. Diretor da Editorial LIAM, Nuno Rodrigues, no dia 9 do mês passado, surgiu uma fórmula que

aqui venho propor, esperando a adesão de um número significativo de entre vós (ver memorando à parte).

Sintetizando, trata-se de congregar (pelo menos) algumas dezenas de contribuintes para amealharmos uma espécie de "crowdfunding", que eu quantificaria em 10.000 euros.

Este Fundo será agregado à Editora LIAM para que se vão editando as publicações que forem sendo decididas por um Conselho Editorial misto (o da LIAM, que já existe, e o que resultará de uma votação do colégio de contribuintes deste Fundo). As obras a editar serão distribuídas quer pela Editorial LIAM quer pelo Fundo, procurando-se que o *crowdfunding* seja restando através das respetivas vendas, direcionando-se eventuais mais-valias para fins sociais conforme decisão do Fundo e da LIAM.

Eis então os passos concretos a seguir:

1 - Constituição de um *crowdfunding*, até se atingir um mínimo de 10.000€;

2 - Reunião dos contribuintes do Fundo, para elegerem o Conselho Editorial;

3 - Reunião conjunta do Conselho Editorial do Fundo e da LIAM para identificação e escolha das próximas obras a serem editadas (além do *PENSAR*, do Pe. José Maria, já publicado e custeado, está em curso a preparação do *AMAR*, do mesmo autor, que será assim a primeira publicação ao abrigo deste Fundo).

Enquanto não se formaliza o Conselho Editorial, a conta para depósito dos contributos para o *crowdfunding* será a seguinte: **Millennium BCP Lisboa Almirante Reis** em nome de **Armando Alves Ferreira da Silva PT50 0033 0000 0068 0248 1970 5** Logo que o Conselho Editorial se reúna e se formalize, será aberta conta própria, para a qual transitarão as contribuições entretanto depositadas nesta, em princípio titularizadas pela LIAM, salvo melhor decisão a ser tomada pelo Conselho.

Entretanto, cada depósito será confirmado através de uma notificação individual.

EDITORIAL LIAM:

Subsídio para a criação de uma vertente editorial de preservação de memória espiritana

A – ENQUADRAMENTO

1 - Muitos alunos dos seminários e colégios do Espírito Santo não permaneceram nos quadros da Congregação.

De entre os milhares que saíram das estruturas da Congregação, seguindo opções diversas na vida civil, um certo número conservou uma ligação, emocional, espiritual, física ou até profissional à Congregação do Espírito Santo.

Há até muitos que se sentem em dívida para com a Congregação, que os ajudou a armarem-se para a vida com o que lhe é mais essencial: conhecimento e valores.

2 - Apesar da evolução acelerada da sociedade no último século, a História da Congregação do Espírito Santo demonstra com simplicidade e clareza que os princípios e propósitos dos seus fundadores e continuadores ao longo dos seus mais de 300 anos de vida permanecem de uma atualidade sustentada, viva e fecunda, como se vê na sua atuação através do mundo, discreta mas concretizadora e próxima das pessoas, especialmente as mais indigentes.

3 - Tal ação, organizada em diversos sistemas de intervenção, uns mais nucleares, ligados à propagação e aprofundamento da fé católica, outros mais periféricos, de carácter social, cultural e humanista, produziu e continua a produzir efeitos notáveis, palpáveis e mensuráveis, em vários quadrantes, geográficos, étnicos, epistemológicos, mesmo quando a narrativa histórica não os cita ou até os esconde.

4 - Apesar do *low profile* cultivado no interior da Congregação, numa cultura de pobreza, castidade e obediência professadas pelos seus membros, é possível e até conveniente fazer emergir o pensamento, a emoção e a ação gerados pela força poderosa que os potencia, a partir de um magma vital que não será de mais tentar identificar, desenvolver, valorizar e socializar.

B – PROJETO EDITORIAL PARA MEMÓRIA PRESENTE E FUTURA

1 - Existe um manancial de pensamento, emoção e ação na comunidade espiritana,

na, expresso ou não, cuja preservação e aproveitamento serão uma mais-valia para a Congregação e para a sociedade em geral.

2 - É neste pressuposto que se advoga uma vertente editorial associada à Editora LIAM com a finalidade de preservar tais valores imateriais, não só para memória presente e futura, mas também e sobretudo para enriquecimento do legado da comunidade humana, que assim agrega mais-valias que de outro modo ficariam confinadas a um grupo restrito de beneficiários ou até mesmo à esfera pessoal.

3 - A Editorial em análise deverá ocupar-se não só de promover a publicação de obras concluídas, como também de encorajar a conclusão de outras inacabadas e de motivar quem tenha apetência a deixar o seu legado.

C – CONCRETIZAÇÃO DO PROJETO

1 - A Editorial em cujo arco se publicarão as obras objeto do presente Projeto é, pelo menos numa primeira fase, a LIAM.

2- A seleção das obras a serem editadas será feita por um Conselho que englobará:

- a) O Conselho Editorial da LIAM
- b) Um Conselho Editorial a ser constituído pelos promotores do Projeto

3 - As despesas editoriais serão partilhadas a 50% pela Editorial LIAM e pela equipa de promotores desta iniciativa (em moldes a definir e formalizar).

4 - A edição será confiada às empresas selecionadas pela LIAM, após parecer dos promotores, correndo todas as formalidades na LIAM.

D – DISTRIBUIÇÃO E VENDA DAS EDIÇÕES

1- Cada edição será distribuída através de calendário decidido ad hoc entre a LIAM e os promotores deste Projeto.

2 - Havendo proveitos, os mesmos serão distribuídos segundo os critérios seguintes:

- a) Reposição dos fundos de sustentação editorial criados bilateralmente, à razão de 50%.
- b) Doação a ONG ou obras de beneficência, ao critério de cada uma das partes (LIAM e promotores)

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...Respostas Breves

Alberto Melo

Boas Festas...

A todos os que nos enviaram votos de Santo Natal e desejos de Felicidades para o Novo Ano, expressamos, sensibilizados, o nosso A todos os ASES e suas famílias a Direção da UNIASES deseja um Natal cheio de paz e amor em contraponto ao que parece viciar e adulterar a harmonia desta "casa comum".

O tal Envelope que não foi.

Não foi palpavelmente; assim como não mereceu grande entusiasmo uma resposta ao encontro das pretensões do Tesoureiro, o gestor das economias do erário associativo, que esperava uma maior correspondência. Manifestou a sua mágoa pelo aparente fracasso... Há tantos compromissos a serem cumpridos entre os quais se salienta a tiragem trimestral deste nosso Boletim na casa dos 1600 exemplares a editar e enviar a todos, de quem temos conhecimento, e que passaram pelas casas de formação da Congregação, os seminários...

Alteração de morada.

Fernando Manuel Cordeiro indicou-nos, e aos que nele estiverem interessados, o novo endereço postal da sua morada: Praça João Paulo II, 9 – 2 E 5300-302 Bragança.

Como é importante a comunicação de alteração de moradas. Em cima do acontecimento e não dando aso a desvios de correspondência.

P. José Maria de Sousa G32

Aproveito o ensejo para enviar em anexo, com o título «eco», um artigo para publicar na próxima edição, se muito bem quiser e se dignar corrigir a ortografia, pois, como quem está habituado a vinho

velho não lhe sabe o novo, assim acontece comigo, embora fosse fácil utilizar o corrector para a nova ortografia!...

Agradecemos a generosidade de suas intervenções. E pelas lições que elas encerram, nutrimos grande consideração.

Manuel António Navega Samões S41

Por intermédio de sua filha Elsa enviou-nos mail a pedir a suspensão do Boletim UNIASES. Neste momento não tenho interesse em o ler atendendo à idade avançada e por me encontrar doente.

Acima de tudo, as melhoras. Suponho que irá receber ainda este número. Deixamos à sua consideração o pagamento anual pelas publicações recebidas

Luís dos Santos Teixeira G46

Refere que a pouca saúde que o acompanha não lhe permite fazer o que mais gostava mas lá se vai aguentando como Deus o permite.

Para a Direção, colaboradores do UNIASES, que com o seu esforço e dedicação permitem a publicação do "nosso" Boletim e para todos os ASES deseja um Santo e Feliz Natal e um Novo Ano repleto de saúde.

Fazemos eco das suas palavras e estendemo-las a todos os que nos leem.

José Maria Teixeira Dias G48

Desde os Açores envia forte abraço para todos aqueles que um dia, como ele, sonharam ser missionários e que ocupam um lugar especial no seu coração.

P. José Martins Salgueiro F48

Agradecemos toda a correspondência trocada com a Comunidade Espiritana do Fundão, na pessoa do P. Martins Salgueiro,

no sentido de reavivar o Núcleo dos ASES das Beiras. Pena que poucos, mesmo muito poucos, tenham ocorrido e acolhido esta salutar ideia, a que a realização de um magusto pretendia dar corpo.

A semente está lançada... (ver notícia "Magusto na Cova da Beira").

Ricardo Jorge Paiva de Macedo V57

A propósito de um almoço, dito de Natal, realizado em Negrais, confidencia-nos: Depois de degustado o báculo, que afinal era porco, fica-nos a lembrança de como foi bom estarmos juntos. Um grande abraço, à mistura com cheiros de incenso e ouro de amizade, já que mirra basta-nos quando a doença ou a tristeza nos invadem. É tempo de Natal que, embora comece sempre com choro de menino, é promessa de glória e felicidade.

De repórter fotográfico já te conhecíamos a faceta mas há sempre algo de mistério que nos surpreende e que escondias: a de poeta.

Completamente de acordo. Só o saber e o sabor de alguns predestinados conseguem ver a diferença entre o leitão e o dito "reco". Estamos sempre a aprender e a ser "levados".

José Manuel Gonçalves Bonifácio G61

Registe-se aqui o seu gesto altruísta na oferta das castanhas (50 Kg (?)) para o magusto realizado no dia 7 de Novembro, no Fundão.

Miguel Ângelo Vasconcelos Silva G63

Manifestou a sua desolação por não ver correspondido todo o seu esforço e entusiasmo despendidos em prol da organização dos 50 anos no Fraião. Das cartas enviadas a todos os que em 1963 entraram em Godim, recebi apenas uma

resposta afirmativa, a do Américo Espírito Santo.

Amigo Miguel Ângelo, não há que desanimar; melhores dias virão. Persistência é importante, mesmo que o céu pareça desabar.

Júlio Antunes Costa Vieira **V63**

Não posso estar presente, diz-nos acerca desse encontro de 50 anos no Fraião. Ossos do ofício, não é? Atenção que os amigos são o que de mais precioso se tem e valem o pequeno sacrifício de um dia sem acomodação pessoal. Espírito ao largo!...

Bento Ferraz Gomes Faria **V63**

Obrigado pelo trabalho, que deveria merecer, de nossa parte, uma adesão mais rápida. Mas o trabalho aperta...

É tudo uma questão ou não de se trabalhar em sociedade de advogados. O trabalho surge em quadruplicado e não há modo para uma pausa sob pena de se ficar atrasado, não é?

José Alexandre Gama Oliveira **V63**

Ainda a propósito da convocatória para os 50 anos no Fraião, escreve: Com muita pena minha não vou poder estar presente por me encontrar no estrangeiro em formação.

Está justificada a ausência; caso se venha a repetir no próximo ano este evento que não foi, a convocatória, desde já, se mantém de pé.

Américo Pereira do Espírito Santo **G63**

Se tudo continuar como 'previsto', Isabel + Américo lá estarão. Finalmente uma...resposta animadora mas que não impediria que a celebração dos 50 anos dos que entraram em G63 e V63, se realizasse este ano, no Fraião. Fica para o próximo.

Nada melhor que ler o sonho deste meu conterrâneo ("I had a dream...") nas páginas deste número 180.

Fernando Manuel Cordeiro **G65**

Disponibilizei no Facebook as fotografias de hoje (50 anos em Godim – 2015/10/03) bem como a digitalização de outras de tempos passados em Godim e no Fraião, em: www.facebook.com/fernando.m.cordeiro

Referindo-se a esse Encontro qualifica-o de festivo com muita animação e uma certa dose de nostalgia.

Alegrei-me com os que comigo entraram nesse Outubro de 65.

Apraz-nos aqui registar a grande adesão ao Grupo UNIASES no Facebook provocada por este evento, realizado há mais de dois meses. As fotos, em nome de Fernando M. Cordeiro, lá continuam para uma visita.

Quanto a nós, apreciamos a reportagem, também a nós nos toca e, acima de tudo, o amor e carinho com que foi feita em prol de colegas e condiscípulos

do já distante ano de 1965, em Godim.

Manuel Cepeda Moreno **G65**

Depois da emoção do encontro de 3 de Outubro de 2015, nada melhor do que estas fotos que guardarei, com muito gosto, para recordação.

Haja quem se alegre e tire proveito da reportagem feita pelo diácono Fernando Cordeiro. Quanto ao resto, o Tesoureiro agradece o gesto nobre da tua contribuição.

ECOS do BOLETIM n.º 179

Obrigado por sempre me enviarem o UNIASES por duas vias sem aceitar qualquer contribuição; recordar é viver para ensinar a viver; o artigo do Boanerges Borges recorda e serve de lição para os mais novos neste sentido: julga-se hoje que a disciplina oprime, mantém o educando na infantilidade; o autor do artigo e o seu testemunho é confirmado por todos os ASES salvo rara excepção, demonstra o contrário além de que até os seres inferiores dão lições aos humanos a esse respeito: se as videiras não forem podadas e os sarmentos atados aos arames da ramada não dão uvas e vinho que preste; as árvores se não forem estacadas crescem tortas para toda a vida; a disciplina paradoxalmente fortifica, endireita a planta para que cresça direita e forte em direcção às alturas em vez de torta, curvada para a terra no percurso vital.

A disciplina espiritana a que os ASES fazem referência, mesmo a quem ela doeu, fê-los triunfantes nas profissões por que entraram, personalidades fortes de antes quebrar que torcer perante as vicissitudes de seus currículos. Salienta, o Boanerges Borges, uma característica muito típica da disciplina espiritana, os cargos: sacristão, encarregado das salas, serventes, leitores, imperador...! Quem superentendia não eram os superiores mas o chefe de trabalho que podia ser o menos indicado, confere o que aconteceu com ele próprio.

Quem não tinha as aptidões para o cargo tinha mesmo que as criar; os

chefes, porém, não agiam arbitrariamente, cada cargo tinha uma constituição...!

Mas nada de assustar, sempre existia um 'guião' que não passava de um pequeno caderno de instruções que indicava o que o encarregado da sacristia, por exemplo, tinha que fazer e como proceder.

Quando fui superior do seminário colégio de Fraião (1956-62) com professores, irmãos leigos e alunos o total rondava pelas 300 pessoas. Quem for desse tempo recorda-se que por vezes só via o superior de oito em oito dias na conferência da tarde porque não precisava de interferir em nada, a máquina dos 3 pavilhões tinha as peças tão afinadas que uma não ouvia a outra, o papel do superior quase se limitava às relações externas: representar, atendimento espiritual a vários conventos, tratar com o ministério da educação visto os alunos seguirem os estudos oficiais.

Outra característica era o culto da responsabilidade, os alunos eram educados a viver perante a consciência, «non ad oculos servientes». Não seria preciso traduzir naqueles tempos mas hoje: não servir aos olhos dos superiores mas aos de aquele que vê nas consciências...!

Ainda... e já ponho fim ao elenco pois não estou a rivalizar com o articulista mas somente a confirmar: a familiaridade de comunicação entre professores, mestres, superiores e alunos.

I HAD A DREAM...

Américo Cita

Prometia... Uns 40 de Godim/63, outros 40 de Viana/63, total 80... Talvez 50% não pudesse comparecer, mas, com alguns acompanhantes, iria ser casa cheia.

Imaginava já a dificuldade dos servidos do almoço a necessitarem de subalugar uma empresa de catering, pois panelas / pratos / talheres não chegariam para preparar aquele 'bacalhau à Braga - cá pelos meus lados é à Liberdade' e os rojões à Minhota - quem sabe com as papas de sarrabulho'... Refeitório demasiado apertado para tanta gente!!!

Rever caras de que não me lembro minimamente, mas alguns minutos depois éramos os amigos mais chegados, com os quais parece termos convivido semanalmente.

Recordar os renhidos jogos da bola no lado Sul... Uma vez por mês, deslocávamo-nos ao grande campo central para defrontar os graúdos no lado norte.

Recordar as passeatas domingueiras pela Falperra acima. E de vez em quando permitiam-nos ir espreitar o S.C.Braga, na colina atrás da baliza sul...

Vestidos com a melhor fatiota, fazendo fila ordenada no passeio da aveni-

da principal, (seria a 28 de Maio) para aplaudir Sua Excelência o Presidente da República (Américo Tomás????).

A caminhada trimestral desde a Estação CP até Fraião.

Os inúmeros ensinamentos que alguns anos depois nos permitiam andar no 'quadro de honra' nos colégios, liceus e/ou escolas industriais onde seguimos nossos estudos.

Padres/professores mais exigentes. Servir de sacristão (ajudar à missa) uma / duas vezes por mês. O receio de ter a sola do sapato rto e ajoelhado nos degraus do altar, toda a rapaziada notar.

As amizades construídas muito mais cimentadas que em anos anteriores. O Zé Maria que tocava concertina. O Manuel que cantava "e o meu destino é ser monge". O André que era um ás no Xadrez. O Fernando, canhoto, que jogava bola como o Perrichon do Braga. A primeira barba a despontar. Os primeiros 'ardores' sexuais.

Como em Godim/2013 queria mostrar à Isabel onde e como tinha passado parte da minha infância, já à porta da juventude. Onde rezava, estudava, jogava, brincava e começava o meu futuro.

Apresentar-lhe os amigos (que já não conheço - mas que importa isso se são meus amigos).

Atempadamente, reservei duas 'entradas'. Estranhei falta de 'nuevas' da parte dos organizadores - que não tenho dúvidas copiaram o G e V/2013 para que ninguém deixasse de ser convidado - mas reservei uma equipa na fábrica para preparar um 'recuerdo em cortiça' para a rapaziada.

Mas, o despertar veio a 17/18 Nov., 2 / 3 dias antes.

Notícia tombou no meu iPad. Número de participantes (somente uma curta meia-dúzia disse presente) não justificava o encontro. Não fosse o UNIASES um jornal vincadamente católico utilizaria aquele palavão bem cá do norte...

Frustrado... Afinal o que tanto prometia foi inteiramente esquecido. Porquê, rapaziada? De meu lado não posso / quero desistir. MARCAI OUTRA DATA, nem que seja para comemorar dias / meses e eu lá estarei, mas não deixeis tombar estes encontros que nos fazem recordar momentos (belos ou maus) mas saudosos...

ESTANTE (Continuação da pág.16)

Tem razão o Dr. Francisco Azevedo Gomes. Ele pertence ao pequeno grupo daqueles que não aceitam ser mornos, para não serem vomitados, como diz o Apocalipse... Das três formas básicas de ver a História, das três grandes categorias de "historiadores" (os louvadores, os indiferentes ditos equilibrados centristas, e os rigorosos e exigentes) o nosso Autor está claramente do lado dos últimos. Fá-lo em nome da razão humana, universal e eterna, e em nome da religião que é feita para produzir vida, nunca morte. É em nome destes princípios que o Azevedo Gomes considera inconcebíveis e injustificáveis todos os horrores acontecidos. Frontal, implacável, apaixonado como sempre o conhecemos. E tem razão. "Assim devera (eu) ser", cantaria a Amália, "assim devera (eu) ser, se não fora...não querer". Mas está visto que a razão não bastou, nem a razão nem uma qualquer luz de salvação. Parece uma fatalidade. Apeetece pensar que foi tudo uma fatalidade. Mas foi, isso sim, o colapso, oxalá talvez apenas o eclipse,

da razão humana e das religiões. O que me parece inconcebível é que continuemos a absolver alegremente o passado. É certo que já nada podemos fazer em relação ao que foi feito, mas não se admite que não se aprenda com a história, que se faça tão pouco por corrigir o que foi e está mal feito e, pior, continuemos a cometer erros semelhantes. As mentalidades não mudaram assim tanto, infelizmente. O obscurantismo interessa sempre. E permanece. E há quem o cultive. Hoje.

Aconteceu-me, enquanto preparava esta estante, ir lendo também SAMSARA, o livro do Dalai Lama, a Vida, a Morte, o Renascimento - o essencial do pensamento daquele que foi, em 1989, prémio Nobel da Paz. O Budismo é uma filosofia de paz, tendo na base o controlo pessoal, a conversão interior, dirão outros. Não há paz se não houver pessoas de paz. E como estamos ainda tão longe! Tanta civilização, tanto progresso, tantas religiões! O egoísmo, sob variadíssimas formas, continua a ser regra. E

não parece haver religião que lhe valha. Curiosamente, e fazendo jus ao título do romance "O Mundo Jaz no Maligno", encontro no livro do Dalai Lama afirmações muito parecidas, "a raiz deste mundo está podre, o mundo sofre e se continuar neste caminho, sofrerá cada vez mais". Leio também que, para além da necessidade imperiosa do controlo da mente, é indispensável uma profunda tolerância, o budismo é também a filosofia da tolerância, tolerância activa, deve dizer-se, não daquela tolerância displicente e falsa que se costuma ter com pessoas exigentes e incómodas, mais ignoradas que toleradas, talvez aceiteis mas não respeitadas sequer, comodismo pessoal generalizado, fechar os olhos, para quê complicar. O Dr. Francisco Azevedo Gomes saberá do que estou a falar, e de como é difícil (sobre)viver num mundo que jaz de facto "no Maligno", como terá dito João o evangelista numa das suas três cartas. A luta pode parecer inglória. Mas que ao menos a consciência siga em paz.

PÃO COM MANTEIGA

José Custódio Oliveira Coelho

“Sr. Alferes, prepare o seu pelotão para dois dias: armas ligeiras, três unimogs, um jeep e uma berliet (rebenta-minas), ração de combate... meia-noite junto ao quartel dos “fusos” em S.º António do Zaire, onde receberá outras instruções”.

Foram estas as ordens secas com perguntas e sem respostas. Lá parti: Cacucaco, Caxito, Ambriz, Ambrizete, Quinzau, Quelo e Sº António do Zaire.

Hora combinada, apresenta-se o Alferes Miliciano para a missão (supersecreta...). Aparecem dois interlocutores: um fardado e com galões (major... não era normal os oficiais apresentarem-se com galões em operações militares); outro à civil, e era este que dava ordens o que, confesso, não gostei:

– Com o seu pelotão vai fazer um cerco por terra à Missão Católica de Stº António do Zaire; pelo rio, o cerco será feito pela marinha.

Mostrei-me apreensivo: uma coisa tão secreta e já com alguns meios no terreno... Devo informar, caro leitor, que a Missão Católica na altura era constituída por membros da Congregação do Espírito Santo, meus conhecidos, e que já nos tínhamos cruzado na vida: - P. Pereira Rodrigues foi ele que me fez o exame de admissão ao Seminário (1957).

- P. Martins foi Provincial aquando em finais dos anos 60 na Aguilha por lá estudei.

- P. Mário Pires, o célebre ponta esquerda do I.S.M.E.S.

Dito isto, as ordens continuam: *“o cerco tem de estar feito até às 4 da manhã e a partir dessa hora ninguém sai, ninguém entra”.*

E se a pessoa não obedecer? Tem de obedecer, é para isso que estão armados.

O dito Major continuava em silêncio, dirigi-me a ele e inquiri quem era aquele civil que me dava ordens e tão graves...o dito desdramatizou e disse tratar-se só para identificação... pois desconfia-se...o civil era um PIDE e ele era do estado-maior estava ali para dar autoridade...

A partir daqui, as ordens foram sempre dadas pelo oficial: mapa um guia...

A dois passos da cidade ficava a missão. Às 4 da manhã tudo montado, ordens transmitidas. Reparo que de um barracão saía fumo; pego numa viatura e para lá vou: era o padeiro que se preparava para o trabalho. Pensei com os meus botões: pão quente... padeiro simpático...falta a manteiga... ia saber que nem ginjas. Aparece um vulto, e quem havia de ser? O ponta-esquerda. Apresento-me, não me reconhece... em

todo o caso o que digo bate certo...mas o que fazes aqui a estas horas? Resposta pronta da minha parte: procuro manteiga porque pão já cravei. Também se arranja... mas...

Quando estava a degustar aquele pão com manteiga, e que tão bem me estava a saber... apesar da manteiga não ser de boa qualidade... – Ó Pires, vê lá se para a próxima arranja melhor...

Eis se não quando aparece o civil: – Que está aqui a fazer? – Está-se mesmo a ver, é servido? Deu meia volta e disse: *“Acabou de dar cabo de tudo”.*

Não percebi nada, como de guerra nunca percebi, o cerco estava montado...

Amanhecia, como só em Angola amanece, a conversa estava animada... aparece o major e ordena:

“Levantar o cerco e regressar a quartéis”.

Assim terminou mais uma operação militar por terras de África, sem que aquele sabor do pão quente com manteiga me saia da cabeça... apesar da manteiga ser um pouco dura...não se desfazia no pão... ó ponta esquerda, não te esqueças para a próxima...

E este vosso amigo, que para uns sou Oliveira Coelho, para outros, o Custódio, e para todos, o **José Custódio Oliveira Coelho**.

O ESPÍRITO SANTO E EU

(Continuação do Nº 179)

Boanerges F. Borges

ESPIRITANOS – ESPARTANOS (...)

Quando fui nomeado zelador, ninguém deu indicações sobre o modo de resolver a questão. Nos primeiros dias, tomei a iniciativa de dedicar algum tempo a preparar a leitura da forma que me parecia mais correcta, ainda que pronunciada à portuguesa. Com o decurso do tempo, verifiquei que ninguém ligava nenhuma, pois tanto fazia pronunciar da forma que me parecia mais cuidada, como lendo tudo à matroca. E arranjei uma solução de compromisso: - passava os dois ou três minutos de meditação com a cabeça curvada para o assento do banco da frente, onde tinha o livro e as folhas do martirologio abertas, para fazer uma preparação zita em cima da hora. Eu era mesmo um “pilantra”.

Conforme já referi, estes cargos eram rotativos. Quando se esgotou o meu trimestre de função, aguardei calmamente o que deveria vir a seguir. Qual não foi o meu espanto, quando fui nomeado novamente zelador no trimestre seguinte e ainda mais admirado, quando voltei a ser nomeado, pelo terceiro trimestre consecutivo. Dessa vez achei que era demais e fui pedir explicações ao Director, o Pe. Antunes Pinto, coisa que não era muito fácil de fazer, sobretudo quando se tinha uma quantidade de raios-de-palha, como supunha ser o meu caso.

O Pe. Antunes recebeu-me, escutou-me displicentemente e, à guisa de explicação, informou: – Sabe, a explicação é simples. O seu timbre de voz e a maneira como inicia e preside às orações,

criam um ambiente de recolhimento e inspiram devoção. Ainda não encontrei uma alternativa capaz de o substituir e, por isso, vai ter de continuar.

Desconheço se a afirmação correspondia à verdade ou se seria uma mentira piedosa para me calar. A verdade é que fiquei todo inchado e lá bem no íntimo passei a esforçar-me mais para que tudo corresse bem. Ainda fui nomeado mais uma ou duas vezes e já não me recordo da forma como este episódio acabou. Possivelmente terá coincidido com a ocorrência de um outro, relatado no capítulo do ensino, em que o meu estado de saúde assustou muita gente, e especialmente a mim próprio, retirando-me do convívio da comunidade.

(Continua no próximo n.º 181)

CANTINHO DA POESIA

NATAL – O PORMENOR

Existe um pormenor, faz a diferença,
É meu, é teu, é nosso? É da palavra
Que a história do Natal deixou gravada
Na pele do mundo, assim, de forma extensa.
Natal é sentimento de pertença,
A dádiva de amor idealizada,
Não raro incompreendida e boicotada.
No íntimo do ser, Natal é crença.

Difícil de seguir? Faltam seis versos.
Espero então chegar ao pormenor;
Natal inclui recuos e progressos.
Presépio da inocência sem igual,
Natal é cada um ver-se melhor.
Já vi que compliquei. Feliz Natal!

José Machado G64, Braga, 2015

E LIVRE FOI CRIADO

Ao sexto dia, finalmente,
Deus decidiu criar o homem
como coroa da Sua obra.
Qui-lo à sua imagem e semelhança:
inteligente, afetivo e livre.
Nesse momento, porém, uma grande dúvida
se levantou no Seu espírito clarividente,
que tudo vê e prevê:
“Livre? Podendo escolher o bem e o mal?”
O Criador estremeceu
(e com Ele toda a criação),
mas, resolutivo, inesitante,
já do tal ser humano apaixonado,
avançou no mesmo instante:
“Tão sublime causa vale bem o risco!”.
E livre o homem foi criado.

António Luís G56 - Amora, 25.jul.2015

DEUS MORREU

Deus morreu.
Uns mataram-no
– viam nele uma ilusão poderosa,
antiga e perigosa.
Outros deixaram-no morrer,
ou porque não se aperceberam,
ou porque não souberam ou não puderam salvá-lo.

Deus morreu.
O nosso mundo está mais interessado
em coisas concretas e prontas a usar:
o momento que passa e desafia,
a viagem que distrai,
o fim-de-semana que alivia,
a ciência que explica,
o prazer que inebria,
a técnica que opera
(mas que por vezes erra),
a ação que transforma
– um Céu, em suma, erguido na Terra.

Deus morreu
e continua a morrer
por esse mundo urbano além.

Eu, por mim, todavia,
sinto uma angústia no meu coração,
que se agiganta de dia para dia:
temo que em breve o ser humano
venha a morrer com Ele também,
sem órbita nem destino,
perdido no universo imenso da confusão,
anjo caído e rebaixado,
espírito sem ânimo nem consolação,
condenado a viver um projeto frustrado.

António Luís G56, Amora, 03.set.2015

“DUAS ROSAS APENAS”

(Homenagem ao P. Manuel Gonçalves)

Ali onde aquelas duas rosas,
uma rubra outra amarela,
sobre rude mármore ainda pousam,
murchas, depuradas,
atapetando de estrelas o silêncio...

Ali onde o leve zumbir de abelhas
sobre pétalas ousa ainda cair,
corroendo aos poucos o pouco,
chorando por vezes de muito.

Ali onde elas já não olham só,
uma e outra são sombras
de mãos vazias, voltadas ao céu,
maceradas de pó, já enrugadas
coitadas, mas já nem queixosas são!

Ali onde todos os passos,
de extremo cansaço se retardam,
vozes e olhares se resguardam,
como que sopra vão, eco de ninguém,
ainda assim vislumbre de rosto no além.

Ali onde mil vezes “Emanuel”
se extingue quase nada, desabrigo de
escassas letras em desalinho suave,
espessas e amorosas no revés daquela tarde.

Ali onde tudo do antes
se rasga agora em nada, corpo
desprovido já de saga, segredo e sentido.
É ali que a minha voz destoa ao ouvido,
tarda em sono dormente, ressoa
qual verso dolente e perdido.

Aquele que outrora porto de abrigo fora,
hoje é ali ainda sinal de partida,
ave migrante que em poiso distante,
lá no alto, até parece que chora.

Mas não,
nem chora nem a noite se demora...

Minguante, é ali que ainda hoje mora,
por entre o amarelo dorido da lua,
apontado e apoucado em gesto,
aquele sorriso que sempre foi coisa sua.

A. Vilhena – V62, Alfena 29.07. 2015
(2 anos após)

OS CARVALHOS TAMBÉM SUCUMBEM

jjazmoreira

Soco, autêntico soco no estômago, foi a notícia da morte do Carvalho. Verdade que há tempos não aparecia no Fraião, um, dois anos, verdade que não dava sinais no UNIASES, ele que não era dos menos colaboradores, mas a gente não vai pensar o pior, talvez uma doenzinha, se calhar própria da idade, quem sabe até se uma qualquer limitação financeira, recorde que, há cerca de trinta anos atrás, creio que para justificar ausência nas Magnas, ele teve a franqueza de confessar que conseguira felizmente a estabilidade no assunto, depois, portanto, de alguma instabilidade, a vida é assim mesmo. Mas morte, nem pensar, talvez um dia muito mais tarde, ele que, se não me engano, ainda não tinha chegado aos oitenta.

Mas a verdade abateu-se nua e crua. O Carvalho não está mais entre nós, apenas a memória do companheiro singular, da personalidade viva, ele que parecia trazer consigo a força feliz das terras do alto Minho, Paredes de Coura era a sua fonte de vida. Vocação dita tardia (as vocações hoje são quase sempre tardias

e ainda bem) encontrámo-nos no Fraião em 1957, ele um ano à minha frente. Viria a deixar o seminário antes do noviciado, razões que um dia explicou no nosso boletim. A vida continuou anos e anos até ao reencontro, já na década de oitenta, e sempre nos entendemos muito bem. O Carvalho era homem de princípios mas de franqueza e lealdade à prova de tudo o que quiserem. Ficou, por exemplo, preocupado, se calhar alarmado, quando soube que o meu deus já não era o dele. E não demorou a enviar-me um montão de argumentos em fotocópia, argumentos pró, evidentemente, de autores consagrados... Só que o caminho não podia ser por ali e ele percebeu isso. Serenaram as águas. Um dia, com certeza já noutro comprimento de onda, anunciou-me que tinha escrito o texto de um livro e queria também a minha opinião para publicá-lo. Recebi o grosso volume, quatrocentas e tal páginas, li tudo com gosto e o vagar possível, dei-lhe a minha modesta opinião, favorável na globalidade. Aconteceu depois um

tempo de aparentes hesitações, talvez problemas de revisão de texto, talvez algo ligado à produção do livro, havia a proposta de uma editora, com condições, as coisas simples às vezes complicam-se, o tempo passa, os sonhos adiam-se, e penso que o livro não chegou a publicar-se, doutro modo nós saberíamos. O livro ou os livros, pois haveria mais coisas na forja do então já reformado solicitador em Paredes de Coura. Desse tempo de aparente impasse recorde a posição-afirmação, forte, do Carvalho que, em linguagem a cair no popular, podia ter sido mais ou menos assim "raios ma partam se eu não hei-de fazer sair o livro". Estava ali a raça de um carvalho do norte, dizem que são os melhores. Mas agora que sua excelência a morte resolveu avançar com mais uma das suas "intermitências", não sei como ficaram as coisas. Eu dava dinheiro para que o livro saísse. Seria uma boa maneira de não esquecer o Paulo dos Santos Carvalho, "felizmente reinante" na nossa memória. Era tão bom que algo acontecesse.

TESOURARIA / QUOTAS

OUTUBRO / DEZEMBRO 2015

N.º	Nome	Montante	N.º	Nome	Montante	N.º	Nome	Montante
2151	Abílio Morgado Sobreira	40,00 €	2762	Domingos Sousa Barbosa	50,00 €	1487	Manuel Assunção Casalta	30,00 €
29	Adelino Oliveira Campos	50,00 €	688	Elisio Sousa Silva	20,00 €	2896	Manuel Barroso Gonçalves	40,00 €
50	Afonso Nun. Santos Pereira	125,00 €	713	Fausto Jesus Pereira	30,00 €	2271	Manuel Fernandes Reis	20,00 €
53	Agostinho A.Codeço Pereira	35,00 €	2689	Francisco Velloso Gonçalves	20,00 €	1532	Manuel Fern. Faria Souto	25,00 €
73	Albano Martins Sousa	20,00 €	2622	Heitor Bern. Lour. Codeço	50,00 €	1556	Manuel Gonçalves Vilela	20,00 €
112	Albino Pereira Silva	30,00 €	896	Jaime Paiva Frutuoso	50,00 €	2850	Manuel Inácio Estevinho	20,00 €
177	Américo Pinho Matos	50,00 €	917	João C.Cristóvão D.Alcina	40,00 €	2926	Manuel J. Cepeda Moreno	50,00 €
180	Américo Silva Ferreira	30,00 €	957	João Nasc. Gomes Ramos	15,00 €	1560	Manuel J. Ferreira Santos	30,00 €
200	Antero Man.Dias Monteiro	20,00 €	2327	Joaquim António Valente	50,00 €	1617	Manuel Neto Miranda	60,00 €
212	António Almeida Miquelino	150,00 €	2005	Joaquim Gonç.Pereira Silva	20,00 €	152	Marcolino Ferreira Silva	20,00 €
302	Antonio J.Martins Carneiro	50,00 €	1025	Joaquim Lopes Oliveira	20,00 €	1691	Mário Alex. Oliv. Sa Sil	20,00 €
313	Antonio J.C.Teixeira Soares	20,00 €	2942	Jorge Alb. Viegas Bárbara	20,00 €	1730	Miguel Soares Silva	25,00 €
2581	António J.S. Machado Silva	30,00 €	1073	Jorge Batista Correia	40,00 €	1768	Olindo Santos Geraldês	30,00 €
2674	Antonio Lopes Paiva	150,00 €	1081	Jorge José Figueira	25,00 €	2185	Rafael Fonseca Meireles	30,00 €
408	António Santos Costa	20,00 €	1100	José Ad. Cardoso Veiga	50,50 €	1814	Ramiro Santos Pinho	50,00 €
429	António Torres Vieira	50,00 €	2946	José C. Fernandes Rocha	30,00 €	1816	Raul Azevedo Saleiro	20,00 €
452	Armando Fer.Vilhena Silva	20,00 €	2946	José Castro F. Rocha	10,00 €	2928	Rui Manuel Vilela	20,00 €
2613	Arnaldo Afonso Fonte	15,00 €	1163	José Conceição Silva	20,00 €	2502	Rui Martins Lopes	20,00 €
2320	Avelino Campos M.Barros	50,00 €	1264	José Man. M. L. Azevedo	20,00 €	2449	Salvador Reis Ramos	40,00 €
2934	Avelino C.Marques. Costa	30,00 €	1296	Jose Maria Teixeira Dias	25,00 €	1855	Sebastião Caldeira Ramos	30,00 €
2165	Baltasar Fernandes Martins	50,00 €	2699	José Marques Costa	60,00 €	???	Crédito em 17-12-2015	80,00 €
2791	Bento Ferraz Gomes Faria	40,00 €	1325	José Paulos Silva	100,00 €		TOTAL	2 855,50€
542	Cândido Santos Ferreira	20,00 €	1342	José Reis Fregedo	40,00 €			
555	Carlos Alves Seixas	20,00 €	1390	Justino Santos Pinto	10,00 €			
605	Cesário Mesquita Ferreira	20,00 €	1424	Luis Gomes Sousa	25,00 €			
631	Delfim Alves Cunha	50,00 €	1440	Luis Santos Teixeira	50,00 €			
2514	Diniz Agostinho Gaspar	50,00 €	2713	Manuel A.Domingues Afonso	50,00 €			

DISTRIBUIÇÃO DE "LEVADOS POR UM SONHO"

355	Distribuídos até 31-12-2015	7.100,00 €
51	Ofertas	0,00 €
114	Para distribuição	

ELE E NÓS

COMO UM PROTESTO - NA CORRENTE DE ÁGUAS VIVAS

José Veiga

Como dizia o filósofo Paul Ricoeur, “pertencemos à civilização que, efectivamente, matou Deus, isto é, que fez prevalecer o absurdo e o sem-sentido sobre o sentido”, mas “o nada, o absurdo, a morte, não são a última palavra”.

Contra esta civilização, contra o sem-sentido, contra o vazio, contra a indiferença, contra o nada, porque nos sabemos com sentido, levantamos o nosso protesto, um protesto genuíno (pró+testis = pela afirmação testemunhal). Protestamos contra a mera contingência do viver humano, nos limites dos seus constrangimentos, contra uma concepção do viver humano que o aprisiona numa “natureza”, tão só “condição”, a “condição humana”, quando o viver humano é, e testemunhamo-lo, uma vocação, a “vocação humana”, chamada e lançada para o “sem limites”, para a razão que está sempre para além da última razão achada.

Protestamos, testemunhando, na nossa consciência de “humanos”, construída pela criatividade de uma evolução de muitos milhões de anos, que confirma, mesmo nas atitudes perversas da sua condição, um sentido de transcendência na sua vocação. É nesse confronto entre vocação para a transcendência e perversidade na sua condição, que a história nos revela o projecto cristão, que inverte o sentido da dominação perversa para a subversão da liberdade emancipadora da Transcendência.

O projecto cristão não é qualquer forma ou modalidade de cristianismo. O projecto cristão tem critérios de genuinidade. Não poderemos testemunhar qualquer forma de cristianismo. O Papa Francisco dizia, recentemente, que

“uma Igreja que não sai de si, mantém Jesus em prisão”. Os vários cristianismos e as várias Igrejas (inclusive a do Papa Francisco), tendem a aprisionar Jesus, anulando a eficácia poderosa da simplicidade genuína do seu projecto, com a complexidade especulativa dos seus discursos doutrinários, da rigidez dos seus cânones, e da formalidade dos seus rituais.

Os critérios genuínos do “ser cristão” obrigam-nos a confrontar as tradições cristãs dos diversos tempos e lugares com as origens do projecto de Jesus. Não por conta da história, mas por conta da verdade genuína dos critérios do ser cristão e da aprendizagem do viver cristão. O Papa Francisco, também recentemente, comparava a tradição cristã a um «rio vivo que nos liga às origens». A imagem é pertinente. O fluir histórico das tradições cristãs como uma torrente viva, com vários afluentes, desaguando em tempos e terras várias, ao mesmo tempo que lhes levava o valor nutritivo das origens era passível de ser contaminado por múltiplos elementos de toxidade da perversão humana.

Dá-se a coincidência dramática de a nossa civilização do sem-sentido e do absurdo ter emergido e ter-se desenvolvido no interior dos povos onde as tradições cristãs foram, durante muitos séculos, as mais influentes e dominantes. Que se terá passado para que o sentido do viver cristão tenha deixado de ter sentido e de dar sentido ao viver moderno? – Só subindo às origens, aos critérios mais lípidos da corrente das origens, poderemos perceber o que nos tem afastado do sentido do viver cristão e do que necessitamos para que esse

sentido seja efectivo ao nosso viver de hoje.

Numa comunicação do Papa Francisco a teólogos argentinos reunidos na Universidade Pontifícia de Buenos Aires, dizia-lhes que fizessem suas «as interrogações do nosso povo, das suas angústias, dos seus combates, dos seus sonhos, das suas lutas, das suas preocupações», «sem o que a teologia corre o grande risco de se tornar ideológica» (cf. “La Croix”, 07-09-2015). O apelo do Papa corresponde a um direito do povo cristão. Se o discurso não vai ao encontro das interrogações e das preocupações do povo, para que serve? – Para deleite de quem especula? Isso não interessa ao povo. Para ir ao encontro das interrogações e preocupações do povo, não basta imaginá-las, é preciso ouvi-las. É preciso que o povo se exprima, que possa exprimir-se, que se lhe dê espaço e condições de expressão. O povo, nós, é que necessitamos de questionar e procurar, responsabilmente, as respostas. O apelo do Papa não é exequível enquanto o povo cristão não assumir, ele mesmo, a sua própria voz.

O nosso protesto é um gesto de assumir o direito e o dever de tomar a palavra, de questionar e de partilhar a preocupação pela aprendizagem de uma resposta fiel à convocatória do genuíno projecto cristão. O nosso protesto corresponde ao esforço de perceber o projecto na sua genuinidade, corresponde a um confronto sincero e humilde, entre nós e Ele, que não seja um confronto semelhante ao dos escribas e fariseus, mas semelhante ao de Paulo, talvez de Saulo, na estrada de Damasco: “Quem és tu, Senhor” (Ac. 9,5).

COLABORAÇÃO COM O CEPAC - NIF 503 007 676

UMA AJUDA QUE NÃO CUSTA NADA E SEM CUSTOS PARA O CONTRIBUINTE.

Sabia que pode contribuir para a acção e obra do Centro Padre Alves Correia (CEPAC) com o seu IRS sem pagar mais por isso? O Estado permite que 0,5% do(s) seu(s) imposto(s) liquidado(s) reverta(m) directamente a favor de uma Instituição de Utilidade Pública que prossiga fins de beneficência e sem fins lucrativos, como é o caso do CEPAC, consignando 0,5% do seu IRS.

Para tal, basta que no Anexo H - Quadro 9 (Consignação de 0,5% do Imposto Liquidado) Campo 901 - assinala com um X a sua intenção, bastando preencher:

9 Consignação de 0,5% do Imposto Liquidado (Lei n.º 16 / 2001 de 22 de Junho)

Entidades Beneficiárias do IRS Consignado		NIPC	
<input type="radio"/> Instituições Religiosas (art. 32.º n.º 4)		<input type="radio"/>	
<input checked="" type="radio"/> Instituições Particulares de Solidariedade Social ou Pessoas Colectivas de Utilidade Pública (art. 32.º n.º 6)		<input checked="" type="radio"/> 901 <input type="text" value="503007676"/>	

O DIÁLOGO INTERCULTURAL: A DIFERENÇA COMO RIQUEZA

António Luís Pinto da Costa (Godim, 1956)

Para poder funcionar e sobreviver, uma sociedade precisa de coesão, ou seja, de um cimento que agregue os seus membros. Senão, desagrega-se e desaparece.

Como obter essa coesão? - Eis a questão. Apareceram, ao longo da história, três soluções diferentes: o monoculturalismo, o multiculturalismo e o interculturalismo. O monoculturalismo defendia que a melhor maneira de uma sociedade se manter unida e funcionar estava em ter um só código de pensar, sentir e agir. Concretamente: um só rei, uma só doutrina política, uma só língua, uma só filosofia, uma só religião, uma só moral – em suma, uma só cultura (na aceção antropológica da palavra). Quem se afastasse desse código, deveria ser penalizado ou, mesmo, banido. Assim, a religião do rei deveria ser a religião dos seus súbditos. Consequentemente, se o rei mudasse de religião, o mesmo teria de fazer o seu povo. Assim aconteceu na Europa Central e Setentrional no século XVI, com a reforma protestante. A Inquisição visava, antes de mais nada, evitar atentados à coesão social, a saber: a heterodoxia, o protestantismo, o judaísmo, a crença, a imoralidade. Outro tanto pretendiam os estados totalitários, nomeadamente os fascistas, os nazistas e outros quejandos. Nisso residia a razão de ser das polícias políticas, que temiam os diferentes, os estrangeirados, os homens de ideias novas, os revolucionários, ou

seja, aqueles que poderiam pôr em causa o *statu quo*. Nesse caso, para viver sem problemas, o indivíduo teria de se adaptar, de ser como os outros, de não dar nas vistas. As grandes virtudes seriam então o respeito pelo estabelecido, o conformismo, a obediência, a contenção, a razoabilidade, a mediania.

Por motivos vários, entre os quais se contaram o aumento da rapidez na mobilidade, as migrações, o crescimento da população, a diferenciação social, a ascensão de novos povos, o racionalismo, a liberdade, a democracia e o individualismo, o mundo contemporâneo deu origem, pouco a pouco, a sociedades mais complexas e mais diferenciadas, mesmo sob o ponto de vista étnico. Nasceram problemas de relacionamento entre regiões e entre grupos diversos (nacionais versus estrangeiros, associações profissionais versus patrões, partidos políticos versus partidos políticos, igrejas versus igrejas). A solução encontrada foi o multiculturalismo: o reconhecimento das várias culturas em presença, sem impor nenhuma. Nessa altura, as principais virtudes cívicas passaram a ser a aversão ao racismo e à xenofobia, a liberdade cívica, a tolerância e o respeito pela diferença.

Pareceu aos cientistas sociais, no entanto, que uma nova solução se impunha – mais humanista, mais perfeita e mais rica: o interculturalismo. Considerava este que não bastava reconhecer a

existência de várias culturas no mesmo país, designadamente as culturas de etnia, de região, de género, de classe, de instrução, de opções filosóficas, religiosas e políticas, de idade, de grupo profissional, etc. Era preciso dar um corajoso passo em frente: pô-las em contacto umas com as outras, para que elas se conhecessem mutuamente, se confrontassem e trocassem livremente ideias, valores, princípios, regras e práticas. Desse interconhecimento e dessa interação, todas elas sairiam enriquecidas. Assim fizeram a Suécia (1975), a Austrália (1978 e 1989) e o Canadá (1982) e, na sua esteira, muitos outros países, nomeadamente Portugal.

Segundo o modelo interculturalista, as virtudes cívicas mais apreciadas seriam o conhecimento do outro, o diálogo construtivo e o apreço pela diferença. Cumpre dizer, para terminar, que a sociedade intercultural não está isenta de riscos: algum enfraquecimento da coesão, o irenismo, o relativismo total, a anomia, a amoralidade. A sua ultrapassagem requer que uma tal sociedade defina claramente o seu máximo denominador comum e o faça cumprir: reconhecimento da maioria, respeito pelas minorias, criação de instituições de diálogo, educação adequada, definição de uma moral social de base.

Nessa altura, a diferença já não será um estorvo, um fator de desagregação, mas, antes, uma riqueza. E grande.

NOTÍCIAS TRISTES ...

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de "falecido", tivemos conhecimento do óbito de:

AS 1349 – José Rufino Costa

Nascido em 17 de Março de 1933, era natural de Barcos/Tabuaço, onde faleceu a 15 de Maio de 2015, contava 82 anos de idade. Do Curso de 1946/47, em Godim.

AS 2632 – Luís Monteiro Esteves

Nascido em 23 de fevereiro de 1943, na freguesia de Argeriz, concelho de Valpaços, faleceu a 25 de Agosto de 2015, em Monte Abraão-Queluz, onde residia, com 75 anos. Do Curso de 1952/53, em Godim.

AS 1179 – José Esteves Santos

Nascido em 23 de Fevereiro de 1933 na freguesia de Cortes/Covilhã, faleceu, em Tortosendo, onde residia, o Prof. José Esteves dos Santos com 82 anos. Do Curso de 1945/46, em Godim.

AS 1336 – José Pereira Vaz

Natural da freguesia e concelho de Penela, onde nasceu a 13 de Novembro de 1926, faleceu com 88 anos, em Pontével onde uma das ruas desta freguesia recebeu seu nome por serviços prestados à comunidade. Do Curso de Guarda Gare de 1937/38.

AS 292 – António Jacinto Monteiro Guerreiro

Natural de Várzea da Serra/Tarouca, onde nasceu em 7 de Março de 1961, faleceu na sua terra natal, contava 54 anos de idade. Do Curso de 1972/73, em Godim.

No dia 20 de dezembro faleceu, com 86 anos de idade, a **D. Gracinda Rosas Ferreira**, mãe do Às Feliz Ferreira de Lijó, do núcleo de Barcelos.

QUE DESCANSEM NA PAZ DO SENHOR! SENTIDOS PÊSAMAS A TODOS OS FAMILIARES.

ESTANTE

A Falsificação da História

Por Joaquim Moreira



É possível que muitos dos “antigos” não saibam que o Azevedo Gomes

tem publicada uma vasta obra literária, de carácter ensaístico e histórico sobretudo, mas também de ficção. Obra maior é a *“Falsificação da História”*, em dois volumosos volumes, publicação de 1998. Antes, em 1972, fruto da sua passagem em comissão militar, saíra o ensaio antropológico *“Os Fataluku”* sobre uma etnia timorense, também dissertação de licenciatura. Em 1976 saíra novo ensaio, *“Casais de Vide – Uma Aldeia Comunitária”*. Entra entretanto o Autor naquela que viria a ser a sua grande frente de luta, primeiro com *“Civilizadores ou Bárbaros?”* em 1974, ensaio histórico sobre o colonialismo português no oriente, depois, duas boas décadas mais tarde, com a já citada *“Falsificação da História”*. A ficção romanesca aconteceria em 1980 com *“Uma deusa no Inferno de Timor”*, romance histórico, em 1983 com *“Infinda Manhã Primavera! Após Noite Invernosa”*, romance e, em 2001, com *“O Mundo Jaz no Maligno”*, novo romance, último para já. Em 2010 viria a lume *“Quase Dois Mil Anos de Falso Cristianismo, Jesus é o Grande Desconhecido da Humanidade”*, rigorosa reflexão sobre origens e implantações da religião cristã-católica, voltando ao tema do poder e ao controlo das religiões sobre o mundo, fruto de nefastas, inimagináveis e desviantes tentações e práticas.

Lido com atenção, quer-me parecer que o romance *“O Mundo Jaz no Maligno”*, cabendo moderadamente no campo da ficção, acaba por ser uma boa forma de o Autor, no essencial, fazer a síntese das motivações pessoais, as suas frentes de luta na paixão pelas ideias e pela verdade. Ele é no romance, e objectivamente, uma das personagens, o doutor Francisco em pessoa, e quer-me parecer que

está também bastante nas outras principais personagens masculinas, sobretudo na personagem Paulo, cujas intervenções, sobretudo a do capítulo XIX, me parecem resumir o ideário do Azevedo Gomes. É na *“Apresentação”* ao romance que o nosso Ás deixa claro praticamente tudo sobre a sua personalidade e o seu sentido de vida. Nós já lhe conhecíamos o cognome com que ficou entre nós, O GREGO, fruto de uma realidade que tão bem incorporou, não apenas na cultura do físico como na de todo o bom património espiritual que a Grécia deixou em alimento ao ocidente, base primeira de uma futura e gigantesca super estrutura religiosa greco-romano-judaico-cristã na qual fomos fatalmente gerados, estrutura essa que viria a ser causa principal da sua/nossa inquietação e luta: “desde que mais adulto, tenho resistido, corajosamente, a seguir rumos para os quais me empurram. Sempre com inquietude, muito preocupado com este estado de coisas que urge pôr em causa, jamais parei, ora arrastando-me às escuras, ora movendo-me na luz, rumo a um apelo fascinante...”

De que se trata, afinal? De que coisas, de que “estado de coisas”? O Azevedo Gomes contesta não só o desencaminhamento do mundo mas também a interpretação histórica, ligeira e defeituosa, que disso se faz. Se formos a ver, e aceitando a asserção de João evangelista, (“o mundo jaz no Maligno”), mesmo correndo riscos de um maniqueísmo perigoso (sendo verdade que o mundo vive num equilíbrio instável entre o Bem e o Mal) o Autor acentua que a causa do mal do mundo está, por um lado, na própria maldade humana e, por outro, na inqualificável perversão das religiões, sobretudo da católica, que se transformaram em “belíssimas” aliadas do Mal, depois que caíram na tentação-armadilha-enredos do poder temporal. Bastante à semelhança, (agora que paralelamente vou lendo *“O Meteoro-*

logista”, livro admirável de Olivier Rolin), do sonho generoso da revolução comunista que a breve trecho se converteria num pesadelo de intolerância, cortejo de terror e morte, milhões de deportações e condenações sumárias, arbitrarias, indiferença total pela dignidade da pessoa, etc., etc., etc. Também os seguidores de Jesus esqueceram depressa os tempos da perseguição movida pelos imperadores e cedo se arvoraram em perseguidores e senhores do mundo, perseguindo, matando, dispondo, coisas nefandas, sempre em nome de Deus. De tal forma que o mundo se globalizou (!) à imagem e sob a bênção da Roma imperial. Mais ou menos o que temos.

Podemos agora voltar à *Falsificação da História* do Azevedo Gomes que ataca ferozmente, passe a palavra, a interpretação histórica dominante, aquela que esquece a montanha de horrores cometidos pelo poder Igreja-Estados para se ficar com as supostas glórias da civilização ocidental, Portugal na linha da frente, o grande Portugal que deu novos mundos ao mundo e que se fartou de matar sempre pelos mais altos imperativos. A “gloriosa” saga dos nossos descobrimentos e múltiplos temas adjacentes ocupa todo o primeiro volume. O segundo volume, outras 500 páginas de análise e sempre vasta documentação, versa a *Escravatura*, que a Igreja mais que tolerou – abençoou, praticou e da qual também tirou proveito, verdade que também aqui e ali libertava um ou outro escravo; *O Poder Eclesiástico*, que chegou onde chegou, que desejou e praticamente adquiriu o poder temporal absoluto, de que ainda resta pelo menos um sinal, o Estado do Vaticano e respectivas políticas sobre o mundo; e *A Inquisição*, “obra-prima” de uma instituição absolutamente, culpadamente cega, obcecada, desviada, esquecida da sua missão supostamente salvadora.

(continua na página 11)

UNIASES - CGD - BARCELINHOS

NIB 0035 2008 0003 8874 930 35 | CONTA Nº 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...

No Descritivo escreva nome completo ou Ás n.º _____

UNIASES

Apartado 1098 4710-908 BRAGA
ases@portugalmail.pt

Presidente:

969 690 551 | 214 445 827
alberto.r.melo@netcabo.pt

Tesoureiro:

919 441 970 | 253 951 257
cunhapintobraga@sapo.pt